

# FHC diz a empresários alemães que o Brasil é 'um bom negócio'

19 SET 1995

**CLÓVIS ROSSI**  
Agência Folhas

**Bonn (Alemanha)** — O presidente Fernando Henrique Cardoso trocou a retórica de sociólogo, que usou na maior parte do tempo em sua visita à Bélgica, pela de vendedor ambulante de um produto chamado Brasil. Foi ontem, ao discursar no seminário sobre privatização no Brasil, realizado pelo Deutsche Bank (Banco da Alemanha), em sua sede central de Frankfurt, o coração financeiro da Alemanha e da Europa.

Depois de dizer aos cerca de 250 empresários presentes que "serão muito bem-vindos" (ao Brasil), usou toda a conversa típica de vendedor: "É um bom negócio, os investimentos no Brasil rendem. As empresas alemãs ganharam mais no

Brasil do que em outras partes do mundo". Finalizou ainda mais sedutor: "Não os convido ao sacrifício, mas ao êxito".

**Números** — O discurso do Presidente foi recheado de números estratosféricos. Chegou a dizer que o Plano Plurianual de investimentos, recém-anunciado no Brasil, prevê investimentos globais, públicos e privados, da ordem de R\$ 900 bilhões ("quase US\$ 1 trilhão", traduziu) para os próximos quatro anos. Quando anunciado, o programa plurianual falava em investimentos de R\$ 458 bilhões. Só nas telecomunicações, informou o Presidente, os investimentos necessários serão de US\$ 30 bilhões em quatro ou cinco anos, dos quais apenas US\$ 6 bilhões estão disponí-

veis internamente.

**Inflação** — FHC jogou como isca também números pequenos, estes relativos à inflação. Disse que o total acumulado este ano "estará mais próximo de 20% do que de 25%", Fernando Henrique explicou ainda aos empresários que, em sua gestão, o programa de privatização mudará de enfoque. Antes, visava apenas desfazer-se de estatais deficitárias. "Agora, não se trata de diminuir o déficit público, mas de permitir que as empresas privatizadas cresçam", afirmou.

O discurso no Deutsche Bank foi o primeiro ato de um programa maratônico, iniciado quando o velho Boeing 707 da Presidência, prefixo KC137, encostou junto ao tapete vermelho do aeroporto de

Frankfurt, às 10h03 (5h03 em Brasília). A recepção foi imponente: 15 batedores, um helicóptero da segurança sobrevoando o tempo todo, uma limusine Mercedes-Benz negra chapa S-EN 6000, para o Presidente, e um punhado de Opels para a comitiva. O trânsito foi interrompido em todo o percurso até o Deutsche Bank, no coração de Frankfurt. As autoridades alemãs capricharam tanto na recepção que o ministro-presidente (governador) do estado de Hessen (onde fica Frankfurt), o democrata-cristão Hans Eichel, exagerou. Defendeu a ampliação do G-7, o clube dos sete países mais ricos do mundo, para incluir o Brasil (além da China, da Índia e da Rússia). Foi no brinde após o almoço no Castelo de Biebrich, em Wiesbaden, às margens do rio Reno.